

*Atualidade de
Sérgio Buarque de Holanda*



Cássio Loredano. *Sérgio Buarque de Holanda* (charge).

Jurandir Malerba

Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Professor do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Pesquisador do CNPq. Autor, entre outros livros, de *Lições de história: o caminho da ciência no longo século XIX*. Rio de Janeiro/Porto Alegre: Editora FGV/EdiPucrs, 2010. jurandir.malerba@pucrs.br.

Atualidade de Sérgio Buarque de Holanda*

The contemporaneity of Sérgio Buarque de Holanda

Jurandir Malerba

RESUMO

Aula magna proferida na inauguração da Cátedra Sérgio Buarque de Holanda de Estudos Brasileiros, Lateinamerika Institut, Berlim, trata da presença de Sérgio Buarque de Holanda na historiografia brasileira, com ênfase na observação de seu estilo de escrita.

PALAVRAS-CHAVE: Historiografia brasileira; escrita da história; Sérgio Buarque de Holanda.

ABSTRACT

Lecture given at the opening ceremony of the Chair Sergio Buarque de Holanda of Brazilian Studies, Lateinamerika Institut, Berlin, addresses the presence of Sérgio Buarque de Holanda within Brazilian historiography, with emphasis on the observation of his style of writing.

KEYWORDS: Brazilian historiography; historiographical writing; Sergio Buarque de Holanda.



Ilustríssimo senhor Herbert Grishop, representando o professor doutor Werner Vath e todas as ilustres autoridades da Universidade Livre; ministra Silvana Polich, pela Embaixada Brasileira na Alemanha; dignísimos professores doutores Susanne Klengel, Sérgio Costa e Stefan Rinke, por todos os docentes desta Casa; digníssima senhora Sigrid Herrmann e Nina Elsemann, por todo seu corpo técnico-administrativo; dignísimos senhores representantes do DAAD; minha amada família; caríssimos colegas professores, pesquisadores, estudantes, senhoras e senhores:

O Brasil é um país da extensão da Europa, dezessete vezes maior que a Alemanha.[...] O caminho para sua ascensão está aberto. O país é capaz de acolher e alimentar sem problemas 300 milhões de habitantes. Imigrantes afluem de todas as partes do mundo. Países altamente industrializados observam com crescente atenção os acontecimentos no Brasil, a enorme ascensão do país, e sabem: os Estados Unidos do Brasil já são hoje um importante mercado para seus produtos, e as necessidades do gigante adormecido aumentam dia após dia.

Assim, esses países criaram novos órgãos que propagam com palavras e imagens, e relatam, recordam e anunciam: buscamos novas áreas de comércio.

Poderosos concorrentes estão em primeiro plano.

A Alemanha não pode ficar de fora. Dois países que têm tanto a oferecer um ao outro precisam se conhecer melhor, precisam se aproximar através de relações de amizade e comércio.

Queremos tomar a nosso cargo essa tarefa. Queremos ser o mensageiro da boa vontade, queremos levar a notícia do Brasil para a Alemanha e no Brasil chamar a atenção das realizações e das capacidades de realização da Alemanha.

* Aula magna proferida na inauguração da Cátedra Sérgio Buarque de Holanda de Estudos Brasileiros. Lateinamerika Institut, Berlim, 13/04/2012. Agradeço a João José Reis, Carlos Fico, João Luis Passador e Arthur Assis pela leitura prévia e amiga deste texto.

A todos os qualificativos já apostos ao nome de Sérgio Buarque de Holanda, talvez ainda coubesse em seu epigrama o de visionário. As palavras que acabei de reproduzir agora, tão agudas e certeiras, só poderiam ser, como são, de sua lavra. Foram publicadas na revista *Duco*, nesta mesma Berlim, em setembro de 1929.¹ Hoje aqui estamos, em oficial homenagem, crismando com seu nome esta importante Cátedra de Estudos Brasileiros na Universidade Livre. De algum modo promovendo aquela aproximação que nosso patrono pleiteara há oito décadas.

Nesta mesma instituição, por onde já passaram grandes expoentes do pensamento social e histórico do Brasil, conhecedores profundos da obra buarquiana, decidiu-se dar-me a honra de inaugurar esta cátedra. Temo não fazer jus a tamanha distinção, diante da qual, no entanto, não haveria como declinar. Aceitei de pronto e deixo publicamente expressos meu reconhecimento e minha gratidão a meus anfitriões e à minha instituição de origem, a PUCRS, que me franqueou a licença para esta missão.

Nestas palavras iniciais, seria uma afronta a Sérgio Buarque, pensador radical, iconoclasta, avesso a todo tipo de oficialismos, evocar seu legado em tom laudatório. Longe de mim. Nem sou *expert* de sua obra para propor qualquer chave analítica que já não tenha sido feita antes, e com muito maior brilho e competência, por outros a que lhe dedicaram anos de estudo, gente do vulto de Antonio Candido, Francisco Igésias, Maria Odila da Silva Dias, Antonio Arnoni Prado, Luiz Costa Lima, Walnice Nogueira Galvão e, entre os mais jovens, Pedro Meira Monteiro, Leopoldo Weisbort, João Kennedy Eugênio, Robert Wegner, Sergio da Mata, Thiago Lima Nicodemo e Marcus Vinicius Corrêa Carvalho. Entre tantos.

Por outro lado, ciente de minhas próprias limitações, entendi que não teria sentido, nesta ocasião, arrogar-me ousar algo próprio ou novo, que não o tenho a altura, ainda mais à sombra de Sérgio, o maior de nossos historiadores. De modo que me soou honesta a proposta de destacar a ascendência da obra buarquiana na minha formação, sua pertinência para a reflexão atual, e sugerir um possível caminho de pesquisa a partir de nosso célebre historiador.

A esse respeito, soará curioso que acabei tendo contato com sua obra muito tardiamente. A história é irônica. Na ocasião de seu centenário de nascimento, um dos mais sofisticados críticos literários brasileiros, Alcir Pécora, chamava a atenção para o fato de que, se hoje Sérgio é unanimemente reconhecido como um dos maiores nomes das Ciências Humanas no Brasil, há bem pouco tempo não era assim.

Nos anos 70, [dizia Alcir] era comum apresentarem-se graves reparos a suas ideias, sintetizadas preferencialmente no tópico da cordialidade brasileira. Elas tanto mascarariam, internamente, as contradições dos interesses de classes, quanto, externamente, a ruptura radical entre o Brasil e a antiga metrópole portuguesa, na passagem da condição de colônia para a de país independente. A naturalidade com que Sérgio empregava o híbrido luso-brasileiro era uma das evidências apresentadas do caráter ideológico conservador de suas formulações. E se ele nunca chegou a ser despachado para as mesmas fossas infernais em que ardia Gilberto Freyre, desqualificado como ideólogo do conservadorismo oligárquico, não será exagero afirmar que andou pelas redondezas.²

¹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. Em qualquer lugar de prefácio. In: *Escritos coligidos*. São Paulo: Editora Unesp: Editora Fundação Perseu Abramo, 2011, p. 28 e 29.

² PÉCORA, Alcir. A importância de ser prudente. Caderno Mais! *Folha de S. Paulo*, 23 jun. 2002.

³ IGLÉSIAS, Francisco. *História e literatura: ensaio para uma história das ideias no Brasil*. São Paulo/Belo Horizonte: Perspectiva/Cedeplar, 2009, p. 137.

⁴ *Idem, ibidem*, p. 147.

⁵ Ver MELO E SOUSA, Antonio Candido. A visão política de Sérgio Buarque de Holanda. In: *Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998, p. 58-76 e GRAHAM, Richard. Dr. Sérgio, a coerência do homem e do historiador. In: MONTEIRO, Pedro Meira e EUGÊNIO, João Kennedy. *Sérgio Buarque de Holanda: perspectivas*. Rio de Janeiro/Campinas: Editora Unicamp/EdUERJ, 2008, p. 103-116.

Pois o mesmo Sérgio, hoje, parece alçado a um panteão de intocáveis. Por quê? O que teria mudado? Alcir arrisca duas hipóteses, uma boa (a qualidade e o rigor de sua pesquisa, de suas ideias, de sua produção) e outra nem tanto (a atribuição à sua figura da função de *auctoritas*, como título legitimador de discursos, a que passaria a ter direito por simples envelhecimento e institucionalização de suas ideias). Espero que meu discurso não seja jamais lido dessa forma, panegírica, nem que a vinculação de seu nome a esta cátedra opere no sentido criticado por Alcir, ele, Sérgio, tão avesso a organismos oficiais e discursos institucionalizados.

Mas é fato que ainda nos anos 1980, pela época de minha graduação, partia de boa porção de meus professores uma espécie de interdição velada àquele historiador. Em dois ou três qualificativos supostamente comprometedores, muitos de meus mestres (claro que nem todos!), carregados de militante zelo e avançada miopia, desqualificavam a obra do velho historiador por demasiado “liberal”, “de direita”, “weberiano”, “burguês”, “positivista”, “conservador” – “reacionário” até. Interessa-se por minudências cotidianas, não pelas análises grandiloquentes das estruturas e superestruturas que tanto fascinavam os marxistas da vulgata. Não era preciso – ou poderia ser mesmo perigoso – ler aquele suposto ideólogo da burguesia brasileira. Compensava-se a bibliografia com fartura de Caio Prado Jr., Nelson Werneck Sodré, Guerreiro Ramos, Jacob Gorender, Ciro Flamarion Cardoso, Fernando Novais e toda estirpe de nossos melhores – e piores – historiadores marxistas de diferentes épocas. Não é preciso ser nenhum observador muito erudito ou atento para se notar o que ocorreu para a retomada de Sérgio ao *menu* do dia. A chegada, sempre tardia, de algumas perspectivas e alguns tópicos de pesquisa ao Brasil, de procedência indisfarçavelmente francesa (mas também inglesa) – como mentalidades, privacidade, cotidiano, a perspectiva dos “debaixo”, da história das pessoas comuns –, abriu campo para o resgate da obra de Sérgio, que, de resto, nunca fora totalmente ofuscada.

Cumprе ressaltar a impropriedade e mesmo a injustiça daquela pecha de “conservador” que certa ala esquerda da historiografia quis lhe atribuir. O grande mestre dos estudos historiográficos no Brasil, Francisco Iglésias, com indisfarçável admiração, dizia com muita propriedade que a obra de Sérgio “nada tem de aristocratizante. Grande parte do período por ele estudado tem como protagonista o anônimo do sertão, como se dá em *Monções* e outros estudos. Valoriza o negro, o índio, o mameluco, que aparecem mais que os senhores. Empenha-se no cotidiano, não constituído por grandes gestos”.³ Já em *Caminhos e fronteiras* o protagonista “é o povo, a gente anônima, sobretudo os índios(...), não os dirigentes (...), destacando [Iglésias] o caráter singular da obra de Sérgio, o menos oficial, o menos elitista, o mais realmente popular, sem nunca ter seu autor proclamado tal característica que o singulariza na historiografia do país”.⁴

Este é um dos grandes diferenciais do estilo de Sérgio Buarque. Como faz com sua arquitetura teórica, que segue sub-repticiamente colada à narrativa, sem a necessidade de alçar em bandeira o seu modo de operar intelectual, também suas críticas sociais e predileções políticas diluem-se no texto, mas sempre ali, sem necessidade de qualquer alarde panfletário. Sérgio foi coerente ao longo de sua carreira como homem à esquerda do espectro político, como marcaram Antonio Candido e Richard Graham.⁵ Mas foi revolucionário, inclusive, em sua produção historiográfica, anteci-

pando-se a seu tempo e lugar, ao escrever no Brasil dos anos de 1930, 40 e 50 páginas marcantes de história social, do cotidiano, de cultura material, das mentalidades, que só entrariam em moda décadas depois mesmo nos polos hegemônicos da historiografia ocidental.

* * *

Como este Sérgio historiador de vanguarda se fez? A preocupação de entender o Brasil foi compartilhada com seus amigos modernistas desde seus “verdes anos”, na expressão consagrada de Francisco de Assis Barbosa. Sem dúvida, sua militância modernista, na contramão do próprio movimento, pode tê-lo feito interessar-se pela história – e pela história do Brasil.⁶ Ali já despontava a imaginação do historiador e a verve de intérprete da cultura brasileira. Em 1926, já lhe causava espécie como a maioria dos modernistas [dizia Sérgio] “não demonstra um níquel de interesse pelo passado ou pela história a não ser pela face do pitoresco”.⁷ No mesmo ano, no clássico ensaio “O lado oposto e outros lados”, rompeu com os modernistas mais radicais, de quem já fora tão próximo, manifestando-se contra intelectuais, como Mário e Oswald de Andrade, que se dispunham a inventar um novo Brasil a revelia de sua história.⁸

Seu modo de compreender e praticar a história foram profundamente marcados por sua passagem pela Alemanha, em especial por Berlim, nos anos decisivos de 1929-1930. Essa viagem fez-se divisor de águas em sua formação, a grande ruptura quando definitivamente opta pela história como profissão de fé, em detrimento da crítica literária, que tão genialmente praticara até aquela altura – e da qual nunca abandonará definitivamente. Maria Odila da Silva Dias lembra como

De fundamental importância foi seu encontro com Friedrich Meinecke, que havia muitos anos era professor na Universidade de Berlim, num meio cultural conhecido como círculo de Simmel. [...] Frequentar suas aulas foi um momento propício para confirmar afinidades há muito presentes em seu horizonte intelectual e amadurecer certas tendências com as quais convivía nas obras de Goethe, Schiller, Herder e Dilthey.⁹

Francisco de Assis Barbosa relata a vinda do jovem Sérgio, então correspondente dos *Diários Associados* de Assis Chateaubriand, aqui tendo vivido a experiência efervescente da república de Weimar, fundamental em sua formação: “com a viagem à Alemanha [diz Assis Barbosa], encerra-se para Sérgio sua etapa de mocidade, a de seu aprendizado”¹⁰. Como magistralmente escreveu Francisco Iglésias, Sérgio voltaria outro de Berlim.

Foi na Alemanha, experimentando ver de longe seu país e exercitando-se em tentar traduzi-lo para estrangeiros, que Sérgio começou a desenhar o projeto de *Raízes do Brasil*, seu primeiro livro, editado em 1936, volume inaugural da coleção *Documentos brasileiros*, dirigida por Gilberto Freyre junto à casa José Olympio.¹¹ Os detalhes são por demais conhecidos. Rascunhou um primeiro calhamaço de umas quatrocentas páginas, a que deu o pomposo título de *Teoria da América*, nunca publicado – e de onde se extraiu, com certa maturação, o ensaio seminal “Corpo e alma do Brasil: ensaio de psicologia social”, publicado na revista *Espelho*, de 1935. Era o embrião de *Raízes*, onde já se lançava a célebre tese da cordialidade, emprestada a Ribeiro Couto. Em sua maturidade, o consagrado historia-

⁶ Antonio Arnoni Prado destaca que uma das contribuições mais originais de Sérgio à crítica literária brasileira advém justamente de sua sensibilidade de historiador. Talvez o inverso não seja menos verdadeiro: que muito de sua excelência de historiador veio de seu inigualável domínio da literatura. Ver PRADO, Antonio Arnoni. *Crônica, memória e história na obra de Sérgio Buarque de Holanda*. In: CALDEIRA, Sérgio R. de Castro. *Perfis buarqueanos: ensaios sobre Sérgio Buarque de Holanda*. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina/Imprensa Oficial, 2005, p. 81-92.

⁷ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Pathé-Baby. Terra roxa e outras terras*, 6/7/1926. In: *O espírito e a letra*. (org. Antonio Arnoni Prado). São Paulo: Companhia das Letras, v. 1, 1996, p. 220.

⁸ Ver HOLANDA, Sérgio Buarque de. *O lado oposto e outros lados*. *Revista do Brasil*, 15/10/1926, *apud O espírito e a letra*, op. cit., v. 1, p. 226.

⁹ DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Negação das negações*. In: MONTEIRO, Pedro Meira e EUGÊNIO, João Kennedy, op. cit., p. 318.

¹⁰ BARBOSA, Francisco de Assis. *Verdes anos de Sergio Buarque de Holanda: ensaio sobre sua formação intelectual até Raízes do Brasil*. In: *Sérgio Buarque de Holanda: vida e obra*. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultur/USP, 1988, p. 27-54. Também Antonio Candido. *Introdução*. In: BARBOSA, Francisco de Assis (org.). *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda*. Rio de Janeiro: Rocco, 1988, p. 119 e 120.

¹¹ Sobre a importância da Casa José Olympio na vida cultural brasileira dos anos 1920, ver SORÁ, Gustavo. *Brasílianas: José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro*. São Paulo: Edusp, 2010, VILLAÇA, Antônio Carlos. *José Olympio: o descobridor de escritores*. Rio de Janeiro: Thex Editora, 2001 e SILVA, Simone. *As rodas literárias nas décadas de 1920-30: troca e reciprocidade no mundo do livro*. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 2004.

¹² Sérgio reitera essa posição em várias entrevistas concedidas, muitas delas reunidas em *Sérgio Buarque de Holanda: encontros* (org. Renato Martins). Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2009.

¹³ CANDIDO, Antonio. O significado de raízes do Brasil. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 17 ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1984, p. XI-XXII.

¹⁴ IGLÉSIAS, Francisco. *História e literatura*, op. cit., p. 138.

¹⁵ VIANA, Francisco José de Oliveira. *Populações meridionais do Brasil e instituições políticas brasileiras*. Brasília: Câmara dos Deputados, 1982, p. 84 e ss. Sobre a obra de Oliveira Viana, BASTOS, Elide Rugai e MORAES, João Quartim (orgs.). *O pensamento de Oliveira Vianna*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

¹⁶ Note-se que a ascendência do sociólogo alemão sobre o pensamento buarqueano não se limita aos tipos ideais! Para além da metodologia, ela estrutura todo o arcabouço teórico do historiador. Cf. WEBER, Max. *Economia y sociedad*: esbozo de sociología comprensiva. 2 ed. México: Fondo de Cultura, 1987, p. 311 ss.

dor dizia não compreender como aquele livro de juventude, que logo ele questionará em muitos aspectos (mas que nunca renegou!), pôde alcançar maior visibilidade do que *Visão do paraíso*, este sim seu livro preferido e superior.¹² Mas permito-me aqui relativizar a modéstia do mestre. Ninguém jamais alcançou – creio que nem alcançará – o poder de síntese dessa obra como fez Antonio Candido, no brilhante ensaio de 1967, que se tornou uma sorte de prefácio oficial e chave para a leitura de *Raízes*. Quem eu cito:

*No tom geral, [diz Antonio Candido] uma parcimoniosa elegância, um vigor de composição escondido pelo ritmo desocupado e às vezes sutilmente digressivo, que faz lembrar um Simmel e nos pareceria um corretivo à abundância nacional [...] O seu respaldo teórico prendia-se à nova história social dos franceses, à sociologia da cultura dos alemães, a certos elementos de teoria sociológica e etnológica também inéditos entre nós. [...] Sobretudo porque seu método repousa sobre um jogo de oposições e contrastes, que impede o dogmatismo e abre campo para a meditação de tipo dialético. [...] Do ponto de vista político, sendo o nosso passado um obstáculo, a liquidação das 'raízes' era um imperativo do desenvolvimento histórico.*¹³

Iglesias não faz menores vênias à obra e seu autor:

*Poucas vezes se escreveu com tanta agudeza e criatividade. A história é outra em suas mãos. Tanto que é difícil classificá-lo, pois a obra pode ser de história, sociologia, etnologia, psicologia social. Autor sutil, requintado e metafórico, requer muito do leitor e não é entendido por aqueles [...] sem hábito de leitura e conhecimento só de mínima bibliografia, de textos lineares.*¹⁴

* * *

Pois que tardei para chegar a essa matriz do pensamento social e da historiografia brasileira. Isso só me aconteceu lá pelas épocas do mestrado, no Rio de Janeiro, já pelos fins dos anos 1980, quando, meio que por acaso e por contra própria, tive contato com a obra de Sérgio Buarque, começando pelo começo, com *Raízes do Brasil*. Àquela altura eu procurava parâmetros para entender o pensamento jurídico no Brasil do século XIX. Por tantos lugares por onde passei, por tantas obras e autores, entre os quais uns quarenta glosadores do Código Criminal do Império, de 1830, todos os caminhos me conduziam à questão da preeminência da família de tipo patriarcal na sociedade brasileira. Dei-me conta de que essa tinha sido “a” grande questão entre os pensadores brasileiros entre os anos 1930 e 1950. O patriarcado como chave para o entendimento da sociedade brasileira encontra-se em matrizes tão diversas quanto Oliveira Vianna, Caio Prado Jr, Gilberto Freyre e Sérgio Buarque.

O primeiro, investigando as origens do prestígio e da ascendência incontestáveis da “nobreza paulista”, asseverava seu fundamento local: “o domínio rural é o centro de gravitação do mundo colonial [...]. Sobre ele a figura do senhor de engenho se atea, prestigiosa, dominante, fascinadora”.¹⁵ Também para Sérgio Buarque o domínio rural definia-se como elemento celular da vida colonial. Sob a mão do proprietário rural a célula doméstica seria praticamente autossuficiente, autárquica, carecendo supri-se de um número reduzido de produtos do exterior. Esse foi o fundamento do predomínio total do privado sobre o público, desde o período colonial.

Semelhante forma de organização econômica, análoga ao *oikos* grego teorizado por Max Weber,¹⁶ pulverizada em células praticamente autô-

nomas, teria atribuído amplitude praticamente incontestável ao poder do patriarca. Sérgio Buarque conta-se no número daqueles para quem a explicação do poder patriarcal está na organização do grande domínio rural, como se lê em conhecida passagem de *Raízes*:

*Nos domínios rurais é o tipo de família organizada segundo as normas clássicas do velho direito romano-canônico, mantidas na Península Ibérica através de inúmeras gerações, que prevalece como base e centro de toda a organização. Os escravos das plantações e das casas, e não somente os escravos, como os agregados, dilatam o círculo familiar e, com ele, a autoridade imensa do pater-famílias. Esse núcleo bem característico, em tudo se comporta como seu modelo da Antiguidade, em que a própria palavra “família”, de famulus, se acha estreitamente vinculada à ideia de escravidão, e em que mesmo os filhos são apenas os membros livres do vasto corpo, inteiramente subordinado ao patriarca, os liberi.*¹⁷

Não foram poucos os autores de grande nomeada que, ao analisarem a construção do Estado nacional no século XIX, enxergaram haver um conflito ou um hiato entre sociedade e Estado naquele contexto. Maria Odila da Silva Dias, tomando em conta, de um lado, a hipertrofia do Estado imperial e do poder das elites dirigentes e, de outro, uma “sociedade dividida em pluralismos raciais e sociais”, afirma a existência “de um profundo abismo entre sociedade e Estado”.¹⁸ Essa perspectiva, a rigor, aproxima-se mais da visão de Gilberto Freyre, para quem a sociedade dos “Sobrados & mocambos” assistira à emergência de uma nova “ordem já burguesa, mas ainda patriarcal, que constituía a segurança da sociedade brasileira”. Para Freyre, quase num lamento, o processo de civilização operado pelo Estado imperial promoveu a paulatina desaparecimento da variedade de tipos e formas da sociedade colonial, com a imposição de uma nova ordem impessoal. Com isso, romper-se-ia a aliança Estado-patriarcado.¹⁹

A chave de Sérgio, parece-me, é completamente outra. Como apontaram inúmeros críticos, manter-se-iam intactas as tensões entre, de um lado, as formas de sociabilidade, originadas no seio da família patriarcal e marcadas pela cordialidade e, de outro, as novas formas próprias da vida cidadina, do mundo moderno, caracterizadas pela impessoalidade nas relações e pela definitiva separação das esferas pública e privada. O diagnóstico é o de que, embora uma mudança germinal tenha sido anunciada pela vinda da corte portuguesa para o Brasil e, principalmente, pela abolição da escravidão (e, sugestivamente, pela imigração em massa), aquelas formas arcaicas, personalistas, ainda permeariam as relações sociais no Brasil, de modo a travar projetos otimistas de reforma. O caminho da “nossa revolução” seria o da superação do passado ibérico, colonial e rural, por meio de uma revolução nos costumes.

Pois onde muitos viram um conflito ou um abismo entre sociedade e Estado, Sérgio Buarque me permitiu ver continuidade, contiguidade, mesmo uma “homologia estrutural” entre as duas formas, a Casa e o Estado, a sociedade civil e a política, o privado e o público. Não valerá a pena retomar meu estudo juvenil aqui.²⁰ Apenas destacaria dois fenômenos que me chamam a atenção. Primeiro, o fato de o tema do patriarcalismo, onipresente ao longo da primeira metade do século XX, chave maior para entendimento da sociedade e da história brasileiras, ter praticamente desaparecido da pauta dos historiadores— com digníssimas exceções como

¹⁷ HOLANDA, Sérgio B. de. *Raízes do Brasil*, op. cit., p. 49. Raimundo Faoro aprofunda a reflexão sobre a centralidade da concepção familista-patriarcal na história do Brasil e, conceitualmente, na obra de Sérgio Buarque – não obstante fazendo ressalva (a afirmação constante no prefácio de Antonio Candido) de que Sérgio jamais afirmou que a ordem político-social imperial fosse “patrimonialista”, mas o contrário: que o patrimonialismo seria ali impossível como ordem política, obstado pela ambiência patriarcal, incapaz de escapar à ordem privada. Cf. FAORO, Raimundo. Sérgio Buarque de Holanda: analista das instituições brasileiras. In: *A república inacabada* (org. Fábio Konder Comparato). São Paulo: Globo, 2007, p. 267-282.

¹⁸ DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Negação das negações*, op. cit., p. 323 ss.

¹⁹ De resto, pressupostos claramente expostos por Sérgio no ensaio “Sociedade patriarcal”, incluído no livro *Tentativas de mitologia*: questionando a metodologia freyreana, bebida em Simmel, entre “forma” e “conteúdo”, Holanda questiona o postulado freyreano de que a “forma” patriarcal da sociedade brasileira teria sido gerada na área da cana-de-açúcar, sendo genuinamente brasileira; ao contrário, teria vindo “acabada do velho mundo, adaptando-se aqui, mal ou bem, às circunstâncias geográficas, étnicas, econômicas, próprias das diferentes áreas, e assumindo uma feição diversa”. Cf. HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Tentativas de mitologia*. São Paulo: Perspectiva, p. 105. Duas instigantes análises comparativas do peso da matriz patriarcal em Sérgio Buarque e Gilberto Freyre, com diferentes focos, encontram-se em SOUZA, Jessé. *A modernização seletiva: uma reinterpretação do dilema brasileiro*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2000 e VARGAS, Everton Vieira. *O legado do discurso: brasilidade e hispanidade no pensamento social brasileiro e latino-americano*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2007.

²⁰ A quem suscitar a curiosidade, cf. MALERBA, Jurandir: *Os brancos da lei: liberalismo, escravidão e mentalidade patriarcal no império do Brasil*. Maringá: Eduem, 1994.

²¹ Tese lançada em SOUZA, Jessé. *A modernização seletiva*, op. cit. retomada em outros de seus estudos.

²² IGLÉSIAS, Francisco. *História e literatura*, op. cit., p. 140 e p. 155.

a de um Richard Graham, um exemplo por todos. Pergunto-me: por quê? Teriam aqueles velhos pensadores errado tão grosseiramente em suas análises? Não será o patriarcalismo, para usar a expressão de Freyre (cujo subtítulo de sua clássica trilogia é justamente “Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil”!), essa chave importante na análise da história da formação do Brasil?

Uma segunda questão é o postulado de que, como propõe Jessé Souza, os conceitos que estruturam o pensamento analítico de Sérgio Buarque tornaram-se obsoletos para se entender um Brasil que hoje, modernizado, já não é o mesmo da época do aparecimento de *Raízes*.²¹ Trata-se de questão justamente pertinente, inclusive para se evitar o pecado da conversão de nosso autor em *auctoritas*, como temia Alcir Pécora. Mas, sem pretender resolver a questão aqui, creio que a crítica pode ser ao menos atenuada. Se de fato o Brasil se modernizou, em muitas frentes, na esfera civil das relações econômicas e mesmo em alguns setores da administração pública, acredito, mãos dadas com Fernand Braudel, que valores e mentalidades demoram mais para se transportar e transformar. Como provocação, afirmo que um grosso lastro de cordialidade permeia ainda as relações sociais no Brasil, tanto na esfera privada como na pública. Infelizmente, a própria Universidade dá exemplos de sobra disso.

* * *

Agora, posso retomar a narração de meu conhecimento tardio de Sérgio Buarque. Sua obra, tanto pelo que traz de agudez analítica como de teoria, método, estilo e erudição, arrebatou-me. Sérgio foge de todos os arquétipos em que cabem os outros historiadores, eu incluído. Ainda recentemente ouvi numa banca de qualificação de doutorado, de um colega que parecia ofendido com a boa escrita do candidato, que aquilo que se apresentava devia ser um texto técnico, para ser lido por cinco pessoas – e não uma narrativa bem tratada, que aspire a sorte de ganhar o público. Esse colega não deve ter lido Sérgio Buarque. Se leu, não entendeu. Sérgio adquiriu imenso lastro teórico, o qual não se alardeava no texto. Aquela compartimentação estanque com teoria, método, técnicas de pesquisa, apartados na narração, não existe em Sérgio Buarque. No caso de *Raízes*, por exemplo, um crítico notável observou que Sérgio “usava uma erudição nunca igualada, como também uma teoria para compreender o processo. Nesta, pela primeira vez, aparecia com força a moderna ciência social alemã, com os tipos ideais de Max Weber, as lições de Sombart e de inúmeros outros”.

*Curiosamente, [escreveu Iglesias] esse homem informadíssimo e culto não era dado a teorizações. Em seus livros ou artigos trata de assuntos objetivos sem a indesejável introdução metodológica tão comum em cientistas sociais, sobretudo em teses universitárias. [...] Sérgio usa a teoria de modo funcional, não como anúncio, mas como instrumento: concluído o texto [...] percebe a sua base conceitual que tem formação; percebe-a no resultado, não em propostas apenas formuladas e não seguidas, como se dá em muitos.*²²

Maria Odila Dias, talvez forçando nas tintas para pintar um Sérgio Buarque excessivamente hermeneuta, historista, empático, seguidor de

Vico e Dilthey (em detrimento da faceta racionalista de seu pensamento, amparada fartamente em Simmel e Weber), acerta, contudo, ao localizar sua arquitetura teórica bem diluída em sua narrativa inigualável.²³ De fato, a força analítica de Sérgio se dá em sua linguagem. Poucos autores – e não só historiadores – dominaram tão bem a prosa quanto ele. Ensinava que o bom historiador tem que ser um bom escritor²⁴ – e não destila daí qualquer laivo de pedantismo. É questão de método. Ele bem sabia que a força persuasiva do historiador depende em grande parte da erudição e do cuidado com o uso da língua. Seu estilo é, por assim dizer, único na historiografia ibérica.

No que se refere a *Raízes do Brasil*, na trilha de Antonio Candido, bem sugere Pedro Meira Monteiro haver ali um jogo de luz e sombra. Diz que “a luz se infiltra, devagar, num jogo de contrastes, minucioso, numa prosa mais travada que a de Freyre, a qual, por sua vez, é mais derramada, mais envolvente, grandiosa, olorosa até”.

*As questões de linguagem, [propõe Pedro Meira] desde que se lida com ensaios de primeira grandeza, não são secundárias. A prosa de Sérgio Buarque de Holanda, a propósito, é bastante mais discreta que a de Freyre. Discreta a prosa, mas densa e travada. Sob a aparência de uma relativa soltura, ou até de alguma facilidade na escrita – desmentida se pensarmos nas inúmeras reformulações do texto – há um universo tenso, uma malha que é expressão mesma de um conflito: o conflito entre a ordem da família e a ordem da cidade.*²⁵

Sérgio traz o conflito para a gramatura do próprio texto, por meio de um jogo de oposições ou, lembrando Antonio Candido, por meio de uma “admirável metodologia dos contrários”. A observação, por Pedro Meira Monteiro, de que o método se flexionou para dentro do texto é das mais argutas. No entanto, a mim não se afigura que a prosa de Sérgio Buarque seja truncada, travada ou densa. A meus ouvidos, soa harmônica, equilibrada, nada faltando ou sobrando no texto. Matemática, se aceitarmos a metáfora da beleza transcendente dos números perfeitos, embora carregada de paixão – e alcançar esse equilíbrio entre racionalidade e empatia talvez tenha sido a chave do sucesso de sua obra historiográfica. É notável essa qualidade de Sérgio Buarque, de acordo com a qual o jogo metafórico do estilo, baseado na disposição dos contrastes, faz a vez de sua racionalização metodológica. Não apenas a teoria, sólida, está velada, mas o próprio método se resolve argumentativamente no plano da operação escriturária. A linguagem não é uma operação ou fase “externa” à produção intelectual da formulação das questões, da racionalização da pesquisa e tratamento das fontes; ela é o momento forte em que toda atividade laboriosa de seu trabalho intelectual ganha corpo e vida. Não encontrará teoria, método e técnica em Sérgio Buarque de Holanda quem não atentar formalmente à sua prosa, a seu estilo, à sua prática narrativa. Francisco Iglésias já havia notado essa habilidade em outro texto, um dos épicos da história política do Brasil, *Do império a república*. “Era um historiador profissional. Entregando-se à narrativa, como não fizera em outras obras, obtém êxito, pois sabe distinguir o mais significativo e descrever as situações essenciais. Senhor de língua admirável, chega a resultados que outros narradores jamais alcançam, pela falta de estilo ou de graça de expressão, como é comum entre nossos historiadores, raramente dotados de recursos literários”.²⁶

²³ Ver DIAS, Maria Odila da Silva. Negação das negações, *op. cit.*, p. 329.

²⁴ Ver Entrevista a Richard Graham publicada originalmente na HAHR, 1982. In: MARTINS, Renato, *op. cit.*, p. 192.

²⁵ MONTEIRO, Pedro Meira. Uma tragédia familiar. In: MONTEIRO, Pedro Meira e EUGÊNIO, João Kennedy, *op. cit.*, p. 352 ss

²⁶ IGLÉSIAS, Francisco. *História e literatura, op. cit.*, p. 155 ss.

²⁷ DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Introdução. In: *Sérgio Buarque de Holanda*. São Paulo: Ática, 1980 (coleção Grandes Cientistas Sociais), p. 43; também DIAS, Maria Odila. *Estilo e método na obra de SBH*. In: *Sérgio Buarque de Holanda: vida e obra*. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura/USP, 1988, p. 73-79.

²⁸ BANDEIRA Manuel. *Crônicas da província do Brasil*. São Paulo: Cosac & Naify, 2006, p. 40 (primeira edição de 1936).

²⁹ IGLÉSIAS, Francisco. *História e literatura, op. cit.*, p. 157.

³⁰ No que concerne a Sérgio e como exceção a confirmar a regra, cabe o registro do texto muito sugestivo de WEGNER, Robert. Um ensaio entre o passado e o futuro. In: *HOLANDA, S. B. Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 335-364. Sobre a ensaística de Gilberto Freyre, o recente e brilhante livro de NICOLAZZI, Fernando. *Um estilo de história: a viagem, a memória, o ensaio: sobre Casa-Grande & Senzala e a representação do passado*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

³¹ DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Negação das negações, op. cit.*, p. 322.

³² MONTEIRO, Pedro Meira. Uma tragédia familiar. In: *MONTEIRO, Pedro Meira e EUGÊNIO, João Kennedy, op. cit.*, p. 350.

Destaco neste ponto uma das marcas de seu estilo, já notado por muitos, desse tipo de natureza mimética de sua prosa em relação às fontes que manuseia. Escreve como que querendo fazer ouvir ao índio catequizado, ao bandeirante mameluco, ao português da administração colonial, ao melodrama do poeta árcade ou ao político do Império. Em *Da monarquia à república* é patente essa qualidade de sua narrativa. Essa marca indelével de seu estilo de historiador, forjada no trabalho intenso de leitura das fontes, em que muitas vezes assimila o modo de falar ou de escrever de seus personagens, foi também captado por Maria Odila Leite da Silva Dias, no estudo introdutório ao livro que organizou para a coleção Grandes Cientistas Sociais: [Afirma Maria Odila que] “A vontade de ser preciso leva-o a virtuosismos de erudito próprios de um convívio estreito com fontes inéditas, que alongam por vezes o texto. [...] a preocupação de harmonizar o estilo da narrativa com o linguajar dos testemunhos consultados, comprazendo-se em absorver termos, musicalidade, ritmos de linguagem dos textos da época”²⁷.

Tal observação já havia sido feita por Manuel Bandeira na crônica “Sérgio, anticafageste”, de 1962, quando dizia o poeta: “o estilo de Sérgio, na sua clareza lógica, foi uma conquista. Há hoje um certo casticismo na sua prosa, mas não é o dos clássicos portugueses. Tirou-o, suspeito, das Atas da Câmara da Vila de São Paulo, das ordens régias e dos testamentos quinhentistas”²⁸.

Como muito bem escreveu Francisco Iglésias:

*De fato, percebem-se, na sua prosa de Visão [do paraíso], ecos de Fernão Lopes e mais cronistas portugueses, como na de monções e Caminhos e fronteiras das narrativas sertanejas, feitas pelos dedicados ao bandeirismo, mais por seus cronistas que pelos próprios, é claro, ou nas Atas da Câmara. Mesmo em Raízes já se podem notar reminiscências de Sá de Miranda, de Gil Vicente ou dos cancioneiros. Só um leitor de alta formação literária pode perceber esses momentos. Falta-nos a erudição para captar muitos, é claro, mas algo pode se notar mesmo por um leitor mediano, como é o nosso caso*²⁹.

Sentença à qual eu só posso fazer coro, por ser este muito mais o meu caso – de leitor mediano – do que o brilhante mestre mineiro.

* * *

Vindo a tratar do estilo, falta dizer de sua forma tão própria de expressão, que é o ensaio. Aqui chego ao ponto onde talvez possa ousar sugerir um caminho de pesquisa a desbravar. Se há o consenso de que Sérgio praticou o ensaio, até onde tenho conhecimento, não há estudo vertical sobre essa modalidade de expressão formal, nem para Sérgio, nem para toda a historiografia brasileira³⁰. Maria Odila Dias diz com propriedade que, em *Raízes*, Sérgio Buarque “inaugurou um estilo ensaístico de expressividade literária essencialmente interpretativo do processo de nossas formações sociais”³¹, a que faz eco Pedro Meira Monteiro ao afirmar que “O coração é dotado de uma força extraordinária no corpo desse ensaio, ou mais propriamente conjunto de ensaios, que é *Raízes do Brasil*”³²; e o mestre Iglésias, o que diz de *Raízes*: “De estrutura magnífica, seus capítulos são ensaios de análise do passado e de reflexões sobre o presente”³³. Robert Wegner diz que *Raízes*

do Brasil não deve ser considerado obra historiográfica “não pelo que lhe falte, mas pelo que tem a mais. E este ‘a mais’ faz do livro um ensaio”.³⁴

Sua veia de ensaísta pulsa no próprio modo de escrita e permanente reescrita de seus textos, a grande maioria submetida ao crivo da crítica e do grande público nas revistas e jornais de grande circulação, nos quais militou a vida inteira. Maturava seu pensamento por meio dessa atividade aberta de produção e debate. Sérgio era incansável, perfeccionista. Já comentei como assim se deu na produção de *Raízes*, que se rascunhou como *Teoria da América* em Berlim (portanto, 1929-30), depurou-se em “Corpo e alma do Brasil” (1935), antes de ganhar forma no livro da coleção *Documentos brasileiros* em 1936, o qual fora estruturalmente alterado para a segunda edição de 1947, para responder às críticas de Gilberto Freyre e de outros interlocutores de peso. Processo semelhante marca a produção de *Caminhos e fronteiras*, de 1957. Para a escrita do primeiro capítulo desse livro (“Veredas do pé posto”), Sérgio aproveitou-se de artigo publicado em 1939, na *Revista do Brasil*, justamente com o título sob o qual apareceria o livro dezoito anos mais tarde. Ele mesmo conta no prefácio que muitos capítulos foram não apenas pensados, mas redigidos ao tempo de *Monções*, de 1945, quando esteve à frente de órgãos como a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e o Museu Paulista, onde pôde conciliar as atividades administrativas com a de historiador. Outros capítulos também tiveram publicação em revistas conhecidas ou anais de congressos, antes de aparecerem no livro (caso da primeira parte – “Índios e mamelucos” –, já publicada nos *Anais do Museu Paulista*, em 1949).³⁵

Mas não apenas nesse aspecto mais laboral, de entrega à atividade permanente de reescrita, como rascunhagem, reescrevinhação, tentativa, será interessante investigar Sérgio ensaísta. Não será o caso de problematizar aqui do que se trata ao se falar de ensaio – como diriam os especialistas, qual o referente para essa palavra? Com exceção de Northrop Frye,³⁶ quem apresentou “uma das mais ambiciosas e originais sínteses da problemática teórica dos gêneros literários”, já se notou que, afora uns instigantes *insights* deixados por Adorno em seu conhecido “O ensaio como forma”,³⁷ pelo menos a Teoria Literária, até onde me leva a minha ignorância, não chegou a dar uma definição precisa do ensaio, pois são praticamente inexistentes definições rigorosas sobre esse gênero, que foi inventado por um francês, ganhou notoriedade na Inglaterra e foi teorizado pelos alemães.³⁸

Embora careça de definição conceitual rigorosa, talvez porque praticado em campos tão diversos como a filosofia, a crítica literária, a sociologia da cultura e mesmo a história, é amplamente sabido que o gênero se alastrou como praga na América Latina, particularmente entre finais do século XIX e meados do XX, embora havendo antecedentes dignos já na prosa colonial e da emancipação.³⁹ A “nuestra América” de Martí,⁴⁰ o Ariel de Rodó,⁴¹ Pedro Henríquez Ureña e o grupo do Ateneo mexicano,⁴² o enciclopedismo ensaístico de Alfonso Reyes,⁴³ a dialética da história na interpretação da realidade americana nos ensaios de José Carlos Mariátegui,⁴⁴ o ensaísmo de Borges,⁴⁵ Arciniegas,⁴⁶ Uslar Pietri,⁴⁷ as eras imaginárias de Lezama Lima⁴⁸ e, adentrando a segunda metade do XX, Carpentier, Paz, Zea, Cortázar, Fuentes, Vargas Llosa, Sábato,⁴⁹ entre tantos nomes conspícuos que minha falta de conhecimento deixa de fora. A linhagem é forte na América Latina e quando Machado, Silvio Romero, Manuel Bonfim, Euclides, Paulo Prado, Sérgio, Freyre, Graciliano escreviam, sabiam-se in-

³³ IGLÉSIAS, Francisco. *História e literatura*, op. cit., p. 136.

³⁴ WEGNER, Robert. Análises recentes da obra de Sérgio Buarque de Holanda. In: *Perfis buarqueanos*, op. cit., p. 97.

³⁵ Iglésias salienta que esse “fato deve ser realçado para mostrar a forma de trabalho e a honestidade do autor.” IGLÉSIAS, Francisco. *História e literatura*, op. cit., p. 146.

³⁶ Ver FRYE, Northrop. *Anatomia da crítica*. São Paulo: Cultrix, 1973.

³⁷ Ver ADORNO, Theodor W. O ensaio como forma. In: *Theodor W Adorno* (org. Gabriel Cohn). São Paulo: Ática, 1994.

³⁸ Ver GUERINI, Andréia. A teoria do ensaio: reflexões sobre uma ausência. *Anuário de literatura*, v. 8, 2000, p. 11-27. Também SANSEVERINO, Antônio Marcos Vieira. Pequenas notas sobre a escrita do ensaio. *História Unisinos*, v. 8, n. 10, jul.-dez 2004, p. 97-106, ARREDONDO, María Soledad. Sobre el ensayo e sus antecedentes: *El hombre practico*, de Francisco Gutiérrez de los Ríos. *Anuario de la Sociedad Española de Literatura General y Comparada*, n. 6-7, 1988, p. 167-174 e GÓMEZ MARTÍNEZ, J. L. *Teoría del ensayo*. Salamanca: Universidad, 1981.

³⁹ Ver BOLÍVAR, Simón: *Escritos políticos*. Madrid: Alianza Editorial, 1990, BELLO, Andrés. *Silvas americanas*. Barcelona: Sopena, 1978, BELLO, Andrés: *Obra literaria*. Caracas: Ayacucho, 1985 e SARMIENTO, Domingo Faustino: *Facundo: civilización y barbarie* (Edición de Roberto Yahni). Madrid: Cátedra, 1990.

⁴⁰ Ver MARTÍ, José: *Ensayos y crónicas* (Edición de José Olivo Jiménez). Madrid: Cátedra, 2004 e MARTÍ, José: *Nuestra América* (Edición de Hugo Achúgar-Juan Marinello-CintioViter). Caracas: Ayacucho, 1977.

⁴¹ Ver RODÓ, José Enrique. *Ariel* (Edición de Belén Castro). Madrid: Cátedra, 2000.

⁴² Ver HENRÍQUEZ UREÑA, Pedro. *Historia cultural y literaria de la América hispánica* (Edición de Vicente Cer-vera Salinas). Madrid: Verbum, 2007 e VASCONCELOS, José. *La raza cósmica: misión de la raza iberoamericana*. Madrid: Aguilar, 1977.

⁴³ Ver REYES, Alfonso. *Ensayos*

sobre la inteligencia americana: antología de textos filosóficos. Introducción de Agapito Maestre. Madrid: Tecnos, 2002 e REYES, Alfonso. *La experiencia literaria*. Barcelona: Bruguera, 1986.

⁴⁴ Ver MARIÁTEGUI, José Carlos. *7 ensayos de interpretación de la realidad peruana*. Prólogo de Anibal Quijano. Notas y cronología de Elizabeth Garrels. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1979.

⁴⁵ Ver BORGES, Jorge Luis. *Otras inquisiciones*. Biblioteca Borges. Madrid: Alianza, 2002 e BORGES, Jorge Luis. *Nueve ensayos dantescos*. Biblioteca Borges. Madrid: Alianza, 2006.

⁴⁶ Ver ARCINIEGAS, Germán. *Amerigo y Nuevo Mundo*. Madrid: Alianza Editorial, 1990 e ARCINIEGAS, Germán. *América, tierra firme*. Edición de Pedro Gómez Valderrama y Juan Gustavo Cobo Borda. Caracas: Ayacucho, 1990.

⁴⁷ Ver USLAR PIETRI, Uslar. *Ensayos sobre el nuevo mundo*: antología de textos políticos. Introducción de Agapito Maestre. Madrid: Tecnos, 2002 e USLAR PIETRI, Uslar. *La otra América*. Madrid: Alianza, 1974.

⁴⁸ Ver LEZAMA LIMA, José. *La expresión americana*. Edición de Irlomar Chiampi. México: Fondo de Cultura Económica, 2001.

⁴⁹ Ver PAZ, Octavio. *El laberinto de la soledad*. Edición de Enrico Mario Santí. Madrid: Cátedra, 2007, ZEA, Leopoldo. *Discurso desde la marginación y la barbarie*. Barcelona: Anthropos, 1988, CORTÁZAR, Julio. *Teoría del túnel*. In: *Obra crítica*. Tomo I. Edición de Saúl Yurkievich. Madrid: Alfaguara, 1994, FUENTES, Carlos. *En esto creo*. Barcelona: Seix Barral, 2002 e VARGAS LLOSA, Mario. *Cartas a un joven novelista*. Barcelona: Galaxia Gutenberg-Círculo de Lectores, 2005.

⁵⁰ O professor Luiz Sérgio Duarte da Silva vem desenvolvendo projeto sobre o assunto. Cf. DUARTE DA SILVA, Luiz Sérgio. *Filosofia da História e Teoria da Fronteira no Ensaio Americano: interculturalidade e integração*. Primeiras notas de uma pesquisa em andamento. Mss.

seridos num contexto cultural muito maior do que os limites do Brasil. Por certo não tenho a pretensão de abarcar todo esse universo pelas pernas.⁵⁰ Interessam-me particularmente, por força do ofício, aqueles historiadores que expressaram suas ideias pela forma do ensaio. Talvez até para buscar uma definição do espectro recoberto por esse vago conceito. O que é e o que pode a historiografia vertida nessa modalidade de escrita. Aí Sérgio desponta como luminar no caso brasileiro. É o caminho por onde eu pretendo lançar minha bandeira e expandir minhas fronteiras.

Por sua penetrante análise da sociedade brasileira no tempo, pela excelência como praticou o ofício de historiador, por sua integridade ética em pensamento e ação, Sérgio Buarque há de permanecer vivo e atual.

Sucesso à Cátedra Sérgio Buarque de Holanda!

Muito obrigado.

Berlim, 13 de Abril de 2012.



Artigo recebido e aprovado em setembro de 2012